

# Último da Classe

Educação

Escolas públicas e particulares estão obrigadas por um decreto presidencial a cumprir, já este ano, 200 dias de ano letivo. Nem assim, entretanto, saímos do último lugar no mundo. O nosso vizinho mais próximo, a Suazilândia, com 830 horas de aula por ano, continua à nossa frente porque, com os 180 dias (metade do ano solar), os alunos tinham 720 horas por ano e agora, com os 200 dias, vamos para 800 horas. O mesmo decreto fixa um salto maior para 1993, quando — se tudo correr bem — os alunos terão turnos de seis horas diárias. Muita coisa, em matéria de insuficiência educacional, se explica com esses números que envergonham os brasileiros.

É inequívoco o peso terceiro-mundista do Brasil em matéria de educação. Como é que se pode argumentar com a aspiração nacional de galgar o primeiro mundo com um ensino (público e privado) que desperdiça a metade do ano? A educação não representa um esforço aniquilador da resistência humana, a ponto de precisar de um dia de descanso para cada um de aula para alunos e professores. Nossa carga horária é certamente a menor: com quatro horas diárias ninguém precisa de férias.

O decreto presidencial defere aos estados compe-

tência para fixar o começo e o encerramento do ano letivo, em respeito pelas peculiaridades locais. A erradicação do analfabetismo terá que ser paralela a uma escolaridade para impulsionar o Brasil rumo a uma idade tecnológica incompatível com um mercado de livros e de publicações impressas com números tão inexpressivos. O decreto do governo aumentando irrisoriamente o ano escolar acena com a carga diária de seis horas daqui a dois anos, ressaltando que não invadirá o tempo reservado às férias de meio e começo de ano, os fins de semana simples e prolongados, e os feriados que gozam de prioridade absoluta sobre o ensino.

Os números são de envergonhar: nada menos de 5 milhões de crianças se comprimem no intervalo entre as 11 e as 14,30 horas para estudar. É por isso — mas não só por isso — que o turno da manhã e o da tarde dispensam 4 horas de aula por dia, durante a metade dos dias de um ano. Para acabar com isso, será preciso construir 6 mil escolas de 4 salas de aula e recuperar 17 mil. Mais do que os números, o que assusta é que o país tenha chegado a esse ponto ao mesmo tempo em que os governos falavam de realizações que precisavam antes inverter esse quadro.

JORNAL DO BRASIL

24 JAN 1991